



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR: AS ADAPTAÇÕES EM CENA**

Jeanne Sousa da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

Jeanness01@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo resulta do projeto *A leitura literária no contexto escolar: as adaptações em cena*, desenvolvido no CE “Cidade de São Luís” e fomentado pela Fundação de Apoio à Pesquisa no Maranhão – FAPEMA e tem como foco central verificar quais os efeitos estéticos que esta modalidade de texto é capaz de provocar no aluno-leitor. Nesse sentido, transitou-se pelos pressupostos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jaus (1994) e pelos estudos de Regina Zilberman (1987), por explicitar a teoria de Klingber, que aponta o assunto, a forma, o estilo e o meio como os principais ângulos de adaptação de uma obra. Com base nessa fundamentação desenvolveu-se uma metodologia pautada nos estudos da recepção do texto, na qual o foco central recai sobre o leitor e seus horizontes de expectativa. Assim, na sequência didática aplicada buscou-se ampliar a percepção do aluno-leitor, colocando-o em diálogo com textos clássicos e suas respectivas adaptações. Os resultados demonstraram que as adaptações apresentam caráter mediador e facilitador e que por meio dessas versões, muitos textos canônicos têm sido revitalizados, voltando a circular entre leitores que provavelmente não teriam acesso ou interesse devido o distanciamento estético, cultural, histórico e linguístico em que estas obras se encontram.

**Palavras-chave:** Leitura Literária, Adaptação, Recepção.

## INTRODUÇÃO

As discussões que envolvem a relação ensino-aprendizagem da leitura são instigantes e indispensáveis, já que os primeiros anos da vida escolar do aluno são dedicados ao desenvolvimento da leitura. Nessa perspectiva, formar por meio da leitura crítica e engajada, indivíduos que questionem a realidade e transformem a sociedade num ambiente mais justo, vem despontando como um desafio e algo extremamente desejável por parte de professores e educadores.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.70) destacam como um dos objetivos das atividades de leitura justamente a formação do leitor competente, ou seja, aquele que “é capaz de ler nas entrelinhas identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos”. No entanto, a escola, como formadora de leitores, tem recebido muitas críticas devido ao procedimento rotineiro do trabalho com a leitura.

Com relação à leitura literária, evidencia-se ser preciso desenvolver nos alunos capacidades leitoras que extrapolem os limites da simples periodização dos estilos de época e da caracterização dos seus principais autores. Deve-se ensiná-los a centrar suas atenções na constituição do texto, pois, conforme assegura Lajolo (1982, 95), o texto literário é um excelente meio de contato com a pluralidade de significações que a língua assume em seu máximo grau de efeito estético.

A utilização do texto adaptado se justifica à medida que nos estudos relacionados à literatura infantil e juvenil verifica-se uma grande lacuna, no que se refere às investigações sobre a adaptação literária. Ao marginalizar essa modalidade de texto, estar-se-á também ignorando uma produção literária significativa historicamente, que coexiste com a literatura infantil, e que, portanto merece estar no centro das discussões históricas, teóricas e críticas da produção acadêmica.

O procedimento metodológico parte de uma breve retomada à gênese da modalidade de texto em estudo, buscando apresentar sua configuração histórica e literária. Para analisar as relações entre o texto adaptado e o leitor transitou-se pelos fundamentos da Estética da Recepção, na perspectiva de Hans Robert Jauss, por possibilitar a compreensão do processo de recepção da obra literária a partir do leitor, assim como os aspectos estéticos e sociais implicados no processo da leitura literária. Essa perspectiva teórica fundamenta esse estudo, por se centrar no leitor e através dele revelar as estratégias usadas na construção do novo

texto, ou seja, o texto adaptado. Em diálogo com a teoria de Jauss, cita-se Zilbermam e a referência que faz sobre os quatro ângulos de adaptação apontados por Klingber. Para finalizar apresenta-se os resultados obtidos.

Reconhecendo o texto adaptado como uma das formas de recepção da obra literária, este artigo, portanto, visa evidenciá-lo, como uma das possibilidades de aproximar o leitor contemporâneo da obra fonte, uma vez que este se configura como um gênero emancipador de leitores, diminuindo o abismo estético existente entre o leitor e a obra original.

## METODOLOGIA

A metodologia eleita para nortear este artigo parte de um breve levantamento histórico sobre o surgimento das adaptações no Brasil, bem como sua importância no contexto literário da época. Posteriormente, situa-se essa modalidade de texto como uma forma explícita de recepção, apresentando legítimo caráter de aproximação, entre o texto-fonte e o público-alvo, uma vez que tal texto passa por um processo de atualização linguística, histórica e sócio-cultural. Para tanto, dialoga-se com os pressupostos da estética de recepção (JAUSS, 1994) e das anotações de Zilbermam (1987)

Em seguida, apresenta-se o levantamento das traduções e adaptações que circulam na escola, onde foi realizado o projeto *A leitura literária no contexto escolar: as adaptações em cena*, exatamente para situar a presença das adaptações nos ambientes de leitura da escola. Além desse dado será comentado também o resultado dos questionários que traçam o perfil dos alunos envolvidos no referido projeto.

Dentre as adaptações utilizadas no projeto, elegeu-se como objeto de análise para este artigo, as Fábulas de La Fontaine, adaptadas por Ferreira Gullar e Kátia Canton. A escolha dessas adaptações, não foi arbitrária, mas se justifica sobremaneira por serem narrativas curtas e que possibilitam leituras coletivas e aplicações didáticas mais dinâmicas. Ainda na apresentação dos resultados será exposta a sequência didática que foi usada no projeto, para que se possa avaliar as questões relacionadas à recepção do texto.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os princípios teóricos que norteiam esse projeto estão pautados em estudiosos que vêm apontando caminhos alternativos para o ensino da leitura, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados justamente para orientar as práticas pedagógicas de professores e professoras. Por eleger as adaptações literárias como material a ser explorado

considerou-se por bem, situar historicamente, mesmo que de forma breve, a origem e a importância de sua produção no Brasil, uma vez que a literatura infanto-juvenil provém e se fortalece por meio das adaptações de textos clássicos e de contos de fadas escritos especialmente para jovens leitores.

O francês Charles Perrault, no século XVII, foi um dos grandes responsáveis por isso, uma vez que adaptou narrativas populares e as revestindo de valores da burguesia. Em seguida, como pelos conhecidos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), no século XIX. Vale ressaltar que, os contos de fadas não foram escritos especialmente para as crianças bem como não faziam parte da educação burguesa. Esses contos, anônimos e populares eram extraídos do seio do povo – do folclore popular –, eram ligados às camadas inferiores e estabeleciam conexões entre a situação social e a condição servil. Segundo Zilberman e Lajolo (1989), o fim do século XVII e início do século XVIII marcam o início de uma produção literária específica para crianças, tal fato advém de mudanças no cenário social, econômico e científico, geradas, sobretudo pela revolução industrial e pela consolidação da classe burguesa como detentora dos meios de produção. Nesse contexto, a escola é convocada a colaborar para a consolidação política e ideológica da burguesia [...] a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência em sala de aula, seu destino natural.

No Brasil, através do levantamento feito por Carvalho (2006), é possível verificar que as primeiras adaptações dos clássicos literários para jovens leitores, decorrem do/no surgimento da própria literatura infantil, isto é, entre o fim século XIX e início do século XX. O século XIX marcou a chegada da família real no Brasil e com ela uma verdadeira reforma no país. Nesse período, ocorria exclusivamente a transmissão da literatura de tradição estrangeira e somente com o início da produção de Monteiro Lobato foi que esse quadro foi alterado. Foi ele quem procurou trazer para o acervo literário do leitor, personagens folclóricas, como o Saci Pererê, e relatos populares. Lobato inovou também porque construiu uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo, o que ocorreu com a criação do Sítio do Pica-Pau Amarelo, ao colocar crianças na condição de heróis, o que possibilitava a identificação imediata com o leitor daquele tempo. Além disso, foi um obstinado partidário das adaptações; procurou recriar e reescrever uma série de textos que marcaram sua infância – Dom Quixote, Peter Pan, Pinóquio, Robinson Crusoe, Alice no

país das maravilhas, para citar alguns –, pois considerava o conhecimento deles essencial para as novas gerações.

As adaptações, desde sua gênese, foram textos criados com a intenção de favorecer ao aluno o contato com obras da literatura universal, por isso mesmo consideradas como uma forma explícita de recepção, em que o adaptador elege suas estratégias e as maneja de acordo com seus princípios estéticos e sobretudo pelo desejo de tornar o texto-fonte mais legível ao público-alvo, bem como afirma Jauss (1994) ao compor um texto, o autor pressupõe automaticamente seu receptor, daí que suas escolhas não se configuram como estratégias arbitrárias.

A Estética da Recepção atribui ao leitor o papel primordial no reconhecimento/valor estético e histórico da obra literária. Segundo Jauss, a qualidade e a categoria estética de um texto advêm “dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade” (JAUSS, 1994, p.7) O valor estético de uma obra é verificado pela recepção inicial do público-leitor, que ao analisar seu repertório e utilizar um saber prévio, percebe a novidade estética, criando novos conceitos que servirão como parâmetros para avaliação de outras leituras. O leitor ao desenvolver sua percepção, amplia consequentemente seu horizonte de expectativa.

Na análise da recepção das Fábulas de La Fontaine, adaptadas por Ferreira Gullar e Kátia Canton observou-se que apesar de não serem consideradas obras renomadas, pertencentes ao cânone, são capazes de ampliar a percepção do leitor, levando-o a interagir com o valor estético e literário advindos da obra fonte.

Para Jauss (1994, p. 44), os leitores, ao longo do tempo, expressam e propagam suas impressões a outros públicos e, assim sucessivamente. Conforme explica na citação seguinte:

um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria de coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre uma literatura esquecida, luz esta que lhe permite encontrar nela o que anteriormente não era possível buscar ali.

Para analisar os efeitos do texto, buscou-se verificar primeiramente o procedimento didático aplicado no projeto *Leitura literária no contexto escolar: as adaptações em cena*, que seguiu a seguinte sequência didática:

- Apresentação da obra fonte (versão traduzida, quando necessário)
- Apreciação do livro adaptado (material impresso- capa, contra capa, tipo de papel, orelhas, etc.)
- Início da leitura, por meio de contação de história em roda de leitura, na qual realizou-se a leitura simultânea das Fábulas de La Fontaine, adaptadas por Ferreira Gullar e Katia Canton;
- No fim da leitura os leitores eram convidados a expor sua opinião e suas impressões sobre o texto lido (abertura para debate sobre tema e aspectos literários da obra);
- Após esse momento os alunos eram motivados a dramatizar um dos textos lidos, momento em que deveriam representar as características psicológicas das personagens presentes no texto lido;
- Por fim os alunos deveriam apontar os pontos de aproximação e distanciamento entre o texto fonte e o adaptado (Elementos e estratégias eleitas pelo adaptador).

Esta sequência leva em consideração os quatro ângulos de adaptação que passa uma obra ao ser adaptadas, conforme aponta Zilbermam (1987), ao citar a teoria de Göte Klimberg. A forma é o primeiro dos ângulos a ser trabalhado, nele são apresentados aos alunos os elementos gráficos e editoriais das adaptações. Posteriormente são considerados os outros três ângulos, ou seja, o assunto, o estilo e o meio. A adequação do assunto refere-se à seleção que o adaptador faz dos temas que devem permanecer ou que devem ser suprimidos por não serem apropriados ou não estarem no nível de entendimento e de interesse do leitor. Já a adaptação do estilo ocorre quando a estrutura linguística dos leitores é limitada e exige que o adaptador deixe seu discurso mais acessível, fazendo, por exemplo, alterações na sintaxe, transformando períodos longos em frases curtas e diretas. Por fim, a adaptação do meio, na qual os paratextos e toda a parte tipográfica do livro são construídas a partir do perfil do leitor, por isso configuram-se como recurso importante nas estratégias do adaptador ou da editora para seduzir seu público alvo.

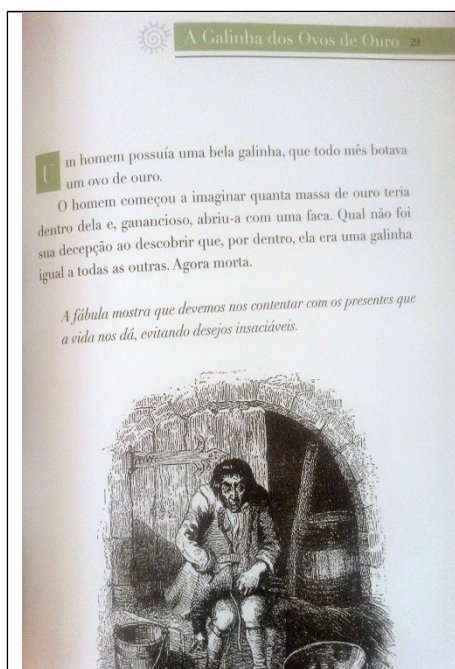
A sequência didática parte do princípio de que a literatura para continuar viva entre seus leitores precisa manter um diálogo com o leitor atual, ela precisa se renovar, uma vez que segundo Monteiro (2010, p. 57):

Os clássicos não são eternos. Como tantos deuses antigos, podem ser esquecidos, pois dependem de adoradores para existir ou ser relevantes. (...) dizer que um clássico é eterno ou que um escritor é imortal não passa de um elogio pretensioso, que de modo algum encontra respaldo na realidade.

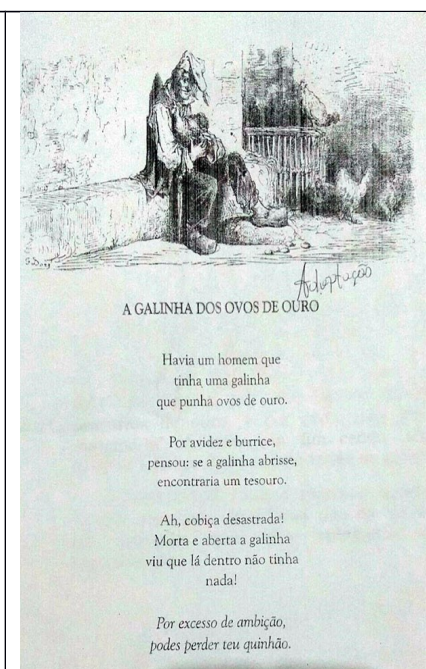
Para Monteiro (2010, p.57), os clássicos são obras artísticas fecundas, capazes de fomentar e gerar, por sua substância literária, sempre novas leituras, assim “conservam-se pelo que criam.” Nessa perspectiva, as adaptações, por serem reescrituras, configuram-se como interpretações, capazes de renovar os grandes clássicos literários através de gerações. Vista desse modo, Amorim (2005, p.120), discorrendo sobre o pensamento de Ceccantini (1997) diz que “a adaptação seria um processo de transformação que, se realizado com rigor, possibilitaria veicular imagens e estilos que poderiam ser considerados ‘fiéis’ ao texto de referência.”

As turmas foram divididas em rodas de leitura, primeiramente foram distribuídas as adaptações das fábulas, posteriormente foram distribuídas a versão clássica traduzida, da coleção Obras Primas da editora Martin Claret, para cada equipe. Segue exemplo de uma das fábulas que foram lidas.

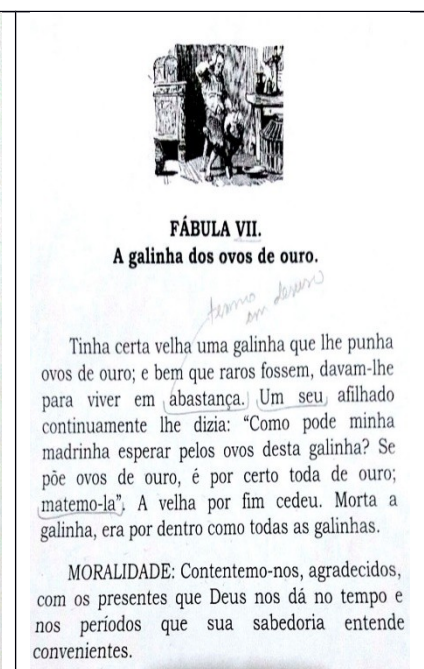
Texto 1



Texto 2



Texto 3



CANTON, Kátia. **Era uma vez Esopo**. São Paulo: DCL, 2015

LA FONTAINE, Jean. **Fábulas**. Trad. Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2013.

LA FONTAINE, Jean. **Fábulas**. Vários tradutores. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005

Após a leitura dos textos os alunos já faziam comparações, a primeira delas foi com relação à forma (estrutura do texto). Todas as equipes perceberam que os adaptadores modificaram o formato do texto fonte. A segunda comparação foi com relação à linguagem do texto fonte, diziam ser antigo e difícil de entender. Quando se pediu para que recontassem a fábula lida, a maioria reproduziu o vocabulário usado pelos adaptadores, assim como mostra a passagem transcrita a seguir, na qual a aluna descreve a raposa da Fábula a Raposa e as uvas.

“Certa Raposa matreira, que andava à toa e faminta.” (Adaptação de Ferreira Gullar, p.8)

“A raposa era matreira, muito esperta mesmo. Só vivia à toa e faminta, morta de fome.” (descrição de NG – 14 anos)

Em outro momento o aluno da mesma equipe diz que houve uma mudança de personagens.

“Na versão mais antiga a personagem que era dona da galinha era uma velha, já nas outras aparece um homem como dono da galinha”. (JL- 14 anos)

Trecho que mostra o trecho que aparece essa informação

“Tinha certa velha uma galinha.” (texto fonte, p.35)

“Havia um homem que tinha uma galinha.” (adaptação Ferreira Gullar, p. 16)

“Um homem possuía uma bela galinha.” (adaptação, Kátia Canton, p. 22)

A adaptação na linguagem foi, sem dúvida, o ponto mais comentado pelos alunos, a maioria destacava a dificuldade em entender o significado de alguns termos, expressões e até mesmo formas verbais presentes do texto fonte, e diziam que foi por meio da adaptação que entenderam o que tal termo queria dizer. Como é o caso dos termos “poucachinho”, “vá feito”, “condoo-me de ti.” Considerando-os como termos “antigos” e desconhecidos por eles.

Durante a leitura das fábulas os alunos destacaram também a semelhança entre as ilustrações, pois todos os textos preservaram as imagens contidas no texto fonte, do pintor francês Gustave Doré. Essa estratégia mostra a preocupação dos adaptadores em fazer alusão à época em que foram escritas as fábulas, buscando, dessa forma, aproximar o público leitor atual da gênese desse texto.

Por meio da linguagem usada nas adaptações o efeito anacrônico entre os textos é minimizado, o leitor passa a fazer relações e estabelecer princípios para alcançar os



significados, ou seja, o literário. A linguagem metafórica usada nas adaptações dialoga com o efeito estético proposto pelo autor da obra fonte. Há entre os textos uma mesma teia semiótica, na qual transita e legítima, que independe do afastamento temporal, A historicidade da obra se constrói a partir da relação entre o leitor e a própria obra, pois o fato literário está “no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (JAUSS, 1994, p.24). Diante disso, a sucessão de leitura das obras cria uma cadeia de recepções.

Para verificar as dificuldades e a percepção dos alunos, com relação aos textos lidos, foi solicitado aos alunos que os mesmos respondessem as seguintes questões, primeiramente de forma oral e depois de forma escrita:

1. Identifique o texto fonte e o texto adaptado e comente como chegou a tal conclusão
2. Entre o texto fonte e o adaptado lido, quais foram as semelhanças e diferenças.
3. Faça comentários sobre o texto adaptado

A seguir foram transcritas as respostas das equipes para as questões colocadas.

#### QUADRO EXPOSITIVO COM OS RESULTADOS OBTIDOS NAS ATIVIDADES APLICADAS

EQUIPES	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3
1	A fábula com numero escrito em romano e ja se percebe que é a mais antiga por palavras que não são mas usada nos dia de hoje. Como exemplo: abastança, um seu e matemo-lo	O texto fonte a linguagem antiga e as adaptações são uma linguagem mas usada nos dia de hoje , uma das adaptações está feita em forma de verso, diferente do texto riginal, nela a moral da história é mas resumida , pois apenas em dois versos. O autor explica a moral da história.	E a adaptações fazem textos com linguagem facil e mais simples da que a originais
2	Fábula LVI. O leao e o rato. Tem palavras são mais complicadas. Com o uso de palavras antigas como: intrepidez, condoido e animalejo.	E que no texto original existem mas palavras que não fazem ao nosso cotidiano e na adaptação fica muito mais facio o entendimento. Um dos textos adaptados mudou a estrutura, pois ao invéz de narrativa o texto é inverso, sendo mais resumido e utilizando palavras diferentes do texto antigo.	Os três textos são adaptados em linguagem diferentes. Os textos têm estruturas e tamanho diferentes. Usando linguagens formais e informais, sendo uma em verso e outra em parágrafos e mais resumida.
3	A fábula original é a fábula LXXXIV	As adaptações são	A estrutura da adaptação

	A formiga e a cigarra, por que é complicado as palavras que estão no texto são formais a linguagem e mais formal.	diferentes porque um e escrito em versos e a outra em parágrafos no texto adaptado de paragrafos e mais prazeroso e a de versos tem rimas mais os dois usam linguagem informal.	da fábula em versos e maior. A estrutura da fábula em paragrafos e mais prazerosa, interessante.
4	Fábula original: fábula XCIII A lebre e a tartaruga. É um texto com estrutura narrativa, linguagem formal, com uso de palavras e expressões antigas. EX: “Condo-me de ti”, “Poucachinho”, “vá feito”. Utilizações de aspas para marcar a fala das personagens.	Na adaptação não se utiliza mais números romanos para identificar as fábulas. Diferente da forma original na adaptação conta com mais detalhes, e linguagem atual, sendo uma delas em forma de verso.	A linguagem usada pelos adaptadores é formal e mais compreensiva. Uma das adaptações conta com a estrutura narrativa e a outra em versos.
5	A Fábula XLIX A raposa e as uvas, a linguagem está clássica, as palavras estão mais antigas caracterizando a época. Exemplo: cada cacho fazia vir um favo de mel à boca. O texto é em forma de narrativa e na moral da história percebe-se o uso da linguagem formal.	Apesar de contar a mesma história cada autor escolhe a sua maneira. Em uma das adaptações o autor muda a estrutura do texto em relação à original o colocando em versos. Ele é muito resumido mas a linguagem é mais fácil que o original. A outra adaptação mantém a mesma forma do texto antigo, mas usa palavras mais atuais, como por exemplo, lambem os beiços.	Os textos adaptados são bem diferentes, um é em narrativa e o outro em verso. A adaptação em verso é um pouco mais fiel ao vocabulário do texto antigo, e usa palavras que não estão no texto antigo. “raposa matreira”, a outra adaptação parece ser feita para um público infantil, pois a linguagem é mais simples e explicativa.

Quadro 1

Conforme se verifica nas respostas dos alunos, pode-se inferir que apesar das dificuldades em compor um texto coeso, a maioria das equipes utiliza o termo texto “antigo” para designar e classificar o texto fonte, assim como apontam a presença de um vocabulário mais complexo e em desuso. Com relação aos textos adaptados as equipes por unanimidade dizem ser um texto mais fácil de ser compreendido, devido apresentarem uma linguagem mais fácil, atual e interessante.

Apesar da pouca experiência dos alunos, verifica-se que os mesmos conseguiram perceber algumas estratégias do adaptador para atualizar a linguagem, como é o caso do exemplo destacado pela equipe 5 (cinco), em que o adaptador substituiu “cada cacho fazia vir

um favo de mel à boca” por “lamber os beijos”, expressão mais usada na atualidade. Outra estratégia percebida foi a adjetivação usada pelo adaptador para destacar a esperteza da raposa, “raposa matreira”, recurso este não utilizado no texto fonte. As equipes também destacam a estrutura do texto adaptado, apontando que o mesmo apresenta-se em verso e mais resumido que o texto fonte e que esse fato deixou o texto mais fácil de ser compreendido.

Nesse contexto, podemos definir leitura como um processo de produção de sentidos que acontece a partir das interações sociais e dialógicas entre o leitor e o texto. O leitor se torna coautor do texto, pois é capaz de dialogar com o autor, identificando-se ou rechaçando-se com as escolhas do produtor do texto.

## CONCLUSÃO

Com base no estudo empreendido, constatou-se que as estratégias utilizadas pelos adaptadores mostram-se como alternativas para que sua adaptação exerça a função de facilitadora e até mesmo de intérprete de uma obra que ficou distante e ilegível ao leitor juvenil. Não pretendendo, conforme as próprias palavras de Gullar, “dispensar a leitura do texto original e, sim, pelo contrário, induzir o leitor a buscá-lo mais tarde, com tempo e disposição para usufruir-lhe toda riqueza de ideias, humor e conhecimento da alma humana”. (GULLAR, 2005, Nota do tradutor).

Esse pensamento coaduna com o pressuposto que marca essa modalidade de texto desde sua origem, isto é, o caráter mediador. Por meio dessas versões, muitos textos canônicos têm sido revitalizados, voltando a circular entre leitores que provavelmente não teriam acesso ou interesse devido o distanciamento estético, cultural, histórico e linguístico em que estas obras se encontram.

Durante o desenvolvimento do projeto “A Leitura Literária no Contexto Escolar: As adaptações em cena” verificou-se que na recepção do texto adaptado os alunos-leitores foram capazes de identificar que o trabalho do adaptador leva em consideração tanto as convenções do gênero e do estilo da época, como aos fatores contextuais em que seu público-leitor está inserido. Sendo assim, os adaptadores procuram manter o equilíbrio em seus procedimentos, ora preservando aspectos intrínsecos a essência da obra fonte e ora atualizando o que se tornou ininteligível em termos linguísticos e culturais ao jovem leitor.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José. **O Guarani**. São Paulo: Martin Claret, 2012
- AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling**. São Paulo: Ed.UNESP, 2005.
- CANTON, Kátia. **Era uma vez Esopo**. São Paulo: DCL, 2015
- CARVALHO, D. B. A. de. **Adaptação Literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. Porto Alegre, 2006. 539 p. Tese (Doutorado em Letras), PUCRS. Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991
- GULLAR, Ferreira. **Dom Quixote de La Mancha**. Trad. Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Revan, 4. ed. 2005.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LA FONTAINE, Jean. **Fábulas**. Vários tradutores. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005
- \_\_\_\_\_. **Fábulas**. Trad. Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2013.
- MONTEIRO, Mario Feijó Borges. **O prazer da Leitura: como adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. São Paulo: Ática, 2010
- VIEIRA, Klévisson. **O Guarani em cordel**. Ed. Amarelly. 1ªed.São Paulo, 2015
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1987.